Artigos da seção livre

Constança Manuel: para além da história de amor entre Inês e Pedro

Alleid Ribeiro Machado*

Resumo: Analisaremos exclusivamente o conto *Constança Manuel*, constante no livro *Infantas de Portugal* (1998), da autora portuguesa Júlia Nery. Para tanto, trataremos de algumas questões pertinentes ao novo romance histórico e aos estudos de gênero, procurando verificar em que medida se dá a reconstrução ficcional da personagem homônima. A hipótese que levantamos é que a autora faz uma releitura, sobretudo transgressora e crítica da História, ao criar uma personagem ficcional que rompe com os modelos impostos ao gênero feminino. Ao fim, procuraremos evidenciar que a produção literária de Júlia Nery é uma importante contribuição a uma vertente da Literatura Portuguesa, formada pelas vozes e pelos olhares das mulheres escritoras, que conjuntamente vem formando em Portugal uma nova tradição: a literatura de autoria feminina.

Palavras-chave: literatura de autoria feminina; novo romance histórico; gênero; Júlia Nery.

Abstract: We have analyzed exclusively the *Constança Manuel* short story which belongs to the book named *Infantas de Portugal* (1998), by Júlia Nery, a Portuguese author. Thus, we have dealt with some propositions related to the new historical romance and gender studies, in order to verify how is done the fictional reconstruction of the homonymous character. Our hypothesis is that there is another interpretation of the History, markedly a transgressive and critical reading. Júlia Nery created this fictional character in the way of breaking the models imposed to the female gender. In the end, we have sought to evidence that Júlia Nery oeuvre is an important contribution to one of the Portuguese literature slope. This slope is formed by the voices and glances of women writers which altogether are forming a new tradition: the female authorship literature.

Keywords: female authorship literature; new historical romance; gender; Júlia Nery.

Nada mais pertinente, especialmente num momento em que a literatura produzida em Portugal seguia apontando para a inevitável formação de uma nova tradição, feita a partir de um ponto de vista nunca antes visto – o das mulheres escritoras – é publicado na década de 90 do século XX, *Infantas de Portugal*.

O livro corresponde ao desejo de Júlia Nery de trazer, para as páginas da ficção, a história de quatro infantas portuguesas que não alcançaram na posteridade o devido reconhecimento. Algo não muito diferente do que aconteceu com outras do mesmo gênero, quer da nobreza ou da plebe (estas muito menos, evidentemente), esquecidas ou pouco evidenciadas pelas páginas da História de Portugal.

Certamente que a presença feminina se fez por ações fundamentais, decidindo e mudando

* Doutoranda em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Literatura Portuguesa.

muitas vezes os rumos da própria História. Em relação às mulheres da nobreza, sabe-se que, desde o século XV, crescia a sua atuação na corte portuguesa, “na vida política, e a sua influência mais direta sobre cortesãos e súbditos” (MACEDO, 1995, p.18). Mas, o que se sabe sobre suas vidas, cotidianos? Para além do fato de saber-se pouco, esse pouco está ligado de maneira especial ao caráter moral dessas mulheres:

[...] nos países da Europa Ocidental [...] é preciso, de antemão, considerar que boa parte das informações [sobre as mulheres] foi fornecida por homens, e que a imagem obtida revela-nos um olhar masculino nem um pouco neutro. Além disso, boa parte do que foi escrito deve-se a religiosos, inspirados por princípios éticos impregnados pela ideia da culpa e do pecado, que associavam o sexo e/ou a sexualidade ao demônio; e a mulher, a um instrumento demoníaco. (MACEDO, 2002, p. 10)

A História era produzida e contada pelos homens, segundo os preceitos notadamente religiosos e morais, que geriam as mentes e a vida social nos séculos passados. Desse modo, o que mais poderia ser dito em torno de um gênero amplamente considerado como naturalmente frágil e débil? Pouquíssimas coisas, evidentemente. Exceção feita às mulheres que, de tão grandes feitos, não deveriam ser outra coisa senão santas. Na verdade, quando referidas, a maioria delas era lembrada especialmente, ou como exemplos de virtude absoluta, da qual decorriam diversos adjetivos, tais como, pura, casta, humilde, caridosa, serena, amável, complacente, submissa, obediente, resignada, e um número sem fim de qualidades superiores quase impossíveis ao gênero humano; ou, muito pelo contrário, como indignas, por justamente não possuírem sequer uma parte desses adjetivos. Dois exemplos da História de Portugal, obviamente opostos, ilustram esta premissa: D. Isabel, a rainha santa e D. Leonor Teles, a aleivosa.

De qualquer forma, assim foram sendo construídas as histórias de muitas mulheres nobres. Contudo, se a História logrou brechas e espaços lacunares sobre suas vidas, além de um olhar pouco neutro em torno delas, à ficção coube a tarefa de recriar vidas, sentimentos, ações, desejos: “Há vidas que podem sonhar-se; outras, que a nossa imaginação pode recheiar de acontecimentos; esta, pouco mais que narrar-se” (NERY, 1999, p. 13). Dessa forma, *Infantas de Portugal* está de acordo com uma das propostas do novo romance histórico e da Nova História, que é a de trazer à cena, como personagens principais da ação, mulheres, lançando vistas sobre os seus dias, cotidianos, ações, reservando a elas, pelo menos na ficção, um destaque superior ao dado pela História oficial. No caso específico de Júlia Nery, há ainda a intenção adicional de humanizá-las, tornando-as mais reais e menos ideais, como também de fazer uma denuncia velada em torno das hierarquias e das desigualdades de gênero.

Vale destacar que a produção de romances históricos de Júlia Nery vem a algum tempo

chamando a atenção da crítica literária portuguesa. Não obstante, observa-se que essa crítica tem procurado situá-la dentro de uma perspectiva tradicional, ou de um cânone, que considera esse tipo de romance como um rico espaço capaz de reconciliar a consciência dos portugueses com o seu passado, configurando-se, assim, como importante contribuição social. A autora é situada pelo crítico português Miguel Real (2009), num tipo de romance histórico que denomina “*romance de análise histórico-político-social*, o qual procura evidenciar fielmente o passado segundo a atual interpretação dos documentos” (REAL, 2009, p. 25, grifos do autor).

A produção histórica da autora não é entendida como de continuidade frente aos modelos tradicionais. Sabe-se que o romance histórico, principalmente o produzido após a Revolução dos Cravos, tem apresentado um desejo crescente de rever a História de Portugal sem necessariamente se comprometer com as versões oficiais dos fatos. O que se busca nessa nova forma de contar (ficcionalmente) a História é, antes de tudo, revelar uma visão de mundo a partir de um olhar crítico e pouco neutro em torno dos acontecimentos. Obviamente, não é equivocado afirmar que a produção literária de Júlia Nery revela uma profunda análise “histórico-político-social”, no entanto, o tratamento do passado histórico é, sem dúvida alguma, não um retrato fiel, senão uma retomada subliminarmente transgressora, como poderá ser observado em *Constança Manuel*, conto selecionado para análise neste artigo.

Sendo assim, o terceiro conto de *Infantas de Portugal* versa sobre uma personagem feminina muito evidenciada pela História e pela Literatura, justamente por fazer parte de um dos triângulos amorosos mais famosos de todos os tempos. Trata-se de D. Constança Manuel, aquela que é sempre lembrada pela ligação amorosa de seu esposo, D. Pedro I, com uma de suas aias, a galega Inês de Castro.

Constança Manuel possui uma biografia histórica que, a bem da verdade, por si só daria longas páginas de um romance. Ela teria nascido em 1318, filha de um riquíssimo príncipe castelhano de nome João Manuel e de Constança de Aragão. Desde cedo fora prometida em casamento “por palavras de futuro” a um nobre aliado de seu pai, D. João, o Torto. Mas antes de realizarem-se os esponsais, fica viúva, já que o noivo conspira com D. João Manuel para destronar Afonso XI de Castela, por quem será apunhalado. D. Constança é destinada ao rei Afonso XI, tendo se realizado os esponsais de um matrimônio que não chegou a ser consumado por ela não ter ainda a idade núbil (Constança Manuel deveria ter a essa altura cerca de 7 anos ou menos, enquanto a idade núbil era de 12 anos). Em 1328, o rei de Castela casa-se, porém, com D. Maria, filha de D. Afonso IV, sob a égide de um novo acordo matrimonial entre Castela e Portugal. Esposa repudiada, D. Constança vai amargar cerca de oito anos em reclusão no Castelo do Toro, sem que seu real esposo abra mão de si. Em 1336, D. João Manuel, afinal,

firma um acordo com D. Afonso XI e D. Afonso IV, conseguindo negociar o matrimônio de sua filha com o filho do soberano português, o infante D. Pedro. No entanto, o rei castelhano teria disfarçado seu descontentamento e após permitir o casamento por procuração, reteve D. Constança em Castela.

Só em 1339, tendo como cenário a Reconquista e a necessidade de apoio mútuo entre os dois monarcas, que, após uma guerra movida por D. Afonso XI contra Portugal e um tratado de paz, pôde D. Constança Manuel, finalmente casar-se com D. Pedro, em Lisboa, a 24 de agosto. Viverá com ele cerca de cinco anos, até 1345(?), data de sua morte, não se sabe ao certo se vitimada pela peste ou por consequência do parto do terceiro filho, futuro herdeiro do trono. Aquando de sua vinda para Portugal traz consigo três aias, uma delas será a amante de seu digníssimo esposo. A história do trágico amor entre Pedro e Inês atravessará gerações, ganhando espaço no *vox populi*, nas Artes, na Literatura, servindo de alimento para a História, até alcançar nossos dias sob epíteto de mito (CORRADIN, 2007).

O que certamente chama a atenção é o fato de Júlia Nery ter escolhido escrever a respeito de uma personagem histórica, que tem aparecido sempre como coadjuvante no palco da História, perdendo lugar para Inês de Castro, esta sim, há pelo menos 650 anos presente no imaginário popular.

Escrito por Herberto Helder na década de 60, *Teorema*, um conto de gosto surreal, relata o assassinato de Inês de Castro pela perspectiva de um de seus assassinos, Pero Coelho, de forma a atualizar a história da que foi feita mito, pela única razão de ter vivido um amor impossível e trágico. Inês de Castro é ilustrada, nesse conto português, como um modelo feminino pouco virtuoso, infernal, “a amante favorita” e, por esse motivo, é mais humana, mais terrena e mais vital; já a esposa de D. Pedro, Constança Manuel, é citada como uma mulher perdoadora, insignificante e estúpida. Ela não é humana, é “do céu”. “Detesto a rainha”, chega a afirmar Pero Coelho.

Mas o que há de tão detestável em Constança Manuel? Na verdade, o que está claro no discurso de Pero Coelho é um desprezo velado a um suposto modelo de mulher: justamente aquele que ficou de Constança Manuel, sempre representada a partir dos melhores e mais perfeitos adjetivos e como vítima dos acontecimentos. A infanta é retratada em *A mulher na história de Portugal*, um livro da portuguesa Bertha Leite, que data de 1940, nos seguintes termos: “E o pouco mais que se sabe a seu respeito, é que tendo D. Constança percebido a afeição desordenada do marido pela sua dama de companhia, agiu como boa cristã, boa esposa e boa amiga” (LEITE, 1940, p. 93, 94). E vai além ao tentar justificar o sofrimento por que passou a infanta: “não negamos o sofrimento de D. Constança [...] [mas] a aparente desventura

do mundo é apenas o caminho da salvação pela paz de consciência [...]. No céu serão todos como anjos” (LEITE, 1940, p. 95).

Da imagem de vítima, sofredora e boa alma cristã, nascerá nas páginas de *Constança Manuel*, uma personagem à altura de seus sonhos, desejos e vontades. Narrado predominantemente em 3ª pessoa, a iluminura inicial retrata Constança Manuel em sua então morada – o castelo do Toro – local onde ficará muito tempo em retiro junto às monjas. É desse castelo que a infanta observará o treino do falcão, “repetido à mesma hora de todos os dias do ano pelo falcoeiro que, desprendendo do antebraço a corrente que o ligava à ave, lhe oferecia o voo esplendoroso mas breve” (NERY, 1998, p. 54). O voo do falcão metaforicamente representa a falsa impressão de liberdade: Constança via-se atrelada a ilusão de ser feita rainha por Afonso XI, estando presa a uma corrente que a ligava a um destino alheio a sua vontade – “como prisioneira no espaço e na ignorância de seu futuro” (NERY, 1998, p. 56).

O tempo da clausura em Toro será o tempo do silêncio para Constança Manuel. De silêncio, mas também de aprendizagem. Na convivência com as monjas, a infanta será capaz de conhecer-se em seu corpo e em seu interior; aprenderá a adentrar nos sonhos de outrem para melhor compreender o presente e o futuro, de que pouco sabe; poderá ouvir o que não lhe foi dito; e aguçar um sentido profundo de discernimento e percepção. Em decorrência disso, pode-se depreender que será detentora de grande intuição. Por isso, na ótica do conto, o tempo passado em Toro terá sido valioso.

Em Toro, Constança fará amizade com uma monja de nome Brites: “todos os dias, à mesma hora, elas se encontravam, ambas nobres e enclausuradas, trocando as lamentações de mulheres penhoradas às ambições de suas famílias” (NERY, 1998, p. 56). É justamente Brites quem vai ensinar Constança a desvendar o futuro “seguindo as máscaras dos medos e dos desejos mais secretos daqueles a quem se ligava o seu destino” (NERY, 1998, p. 56, 57). Nesse momento, a narrativa adentra o tempo do sonho, da vigília, quando Constança, levada por Brites, penetrará os sonhos de D. Afonso XI, logo descobrindo, para alívio seu, que não duraria muito seu destino se desligaria do dele:

Brites a fez parar diante da porta do sétimo aposento. Esposa repudiada do homem que ali dormia, Constança imaginou que era levada a seu leito para que consumasse finalmente o casamento [...]. [Brites] a empurrou com o seu corpo o de Constança contra a parede [...]. Num estonteamento que a levava após si, o espírito de Constança atravessou a parede e a vontade do homem adormecido, entrou no sonho dele [...]. Contemplou o homem que fizera dela casada, sem a fazer mulher. A monja dissera à infanta que pelos sonhos vagueiam também as personagens da memória do sonhador, mas ela não encontrou nenhuma sombra de si nas fantasmagorias oníricas de Afonso. (NERY, 1998, p. 58)

Constança vai aprender a desvendar os segredos da vida pelos sonhos alheios. Deverá

ainda receber os conselhos de seu confessor quanto às virtudes da obediência, da castidade e do silêncio que, como mulher, entre todas as outras virtudes que lhe eram exigidas, deveria sempre praticar. No entanto, a capela, que era para a infanta um lugar de repouso e doutrinação, também será o local de revelação de seu corpo, a partir da experiência do arroubo místico das palavras de uma das monjas: “Senhor, este laço que me une a voz, une aqueles que vos amam, de forma que um penetre inteiramente no outro” (NERY, 1998, p. 59). A infanta experimentará esses transportes, que “subia-lhe pelas coxas aos seios”, com desejo de libertar-se deles e ao mesmo tempo prolongá-los. Tomar conhecimento de seu corpo, sentir na pele sensações tão proibidas, era para aquele contexto histórico, um pecado digno de confissão e arrependimento.

Sendo assim, uma das monjas mais velhas vai adverti-la sobre os perigos dos prazeres carnavais e da importância da abstinência, pois como futura mulher de rei:

–Senhora Infanta [...] vós que sereis um dia esposa, nunca podereis esquecer que o amor que deveis a Deus é bem maior do que aquele que dareis a vosso marido; com o qual não podereis sentir prazer carnal, sendo isso pecado bem mais grave do que adultério. (NERY, 1998, p. 59)

Percebe-se neste trecho a mudança do foco narrativo. Na verdade, enquanto Constança descobria com volúpia a experiência de sentir e descobrir seu corpo feminino, uma outra voz se impunha como representação de conduta moral. A monja mais velha repete o que era comum, o que era partilhado no meio social no que se refere à postura das mulheres em relação aos seus corpos, aos seus maridos, ao casamento. O conto deixa perpassar a voz crítica de um autor implícito, ocultado em narrador em 1ª pessoa, que não deixa de evidenciar essa questão muito fortemente imposta ao gênero feminino.

Não é menos válido lembrar que a Igreja tinha outra concepção para o casamento, muito diferente de como ele é entendido hoje: para reprimir o mal, pois funcionava como uma forma de controle da devassidão dos corpos. Ao menos no interior do casamento, as relações sexuais poderiam acontecer de forma mais segura, sem prazer, evidentemente, visando apenas à procriação. Em relação às infantas, o casamento visava, sobretudo, a geração de herdeiros (varões). De qualquer forma, o discurso da monja mais velha alude à visão deturpada da Igreja em relação ao gênero feminino e à sexualidade: “Se a vossa vulva, que é porta do ventre, descobrir os prazeres luxuriosos, ficareis insaciada e daí vos virão grandes males e a toda vossa geração” (NERY, 1998, p. 59).

Ainda de acordo com a Igreja, a alma e o corpo da mulher pertenciam a Deus e a partir do momento que ela se casasse, o marido tomaria posse apenas do corpo, podendo, assim, fazer o que bem entender com ele. Por sua vez, as mulheres não tomavam posse do corpo do marido, só lhes devia obediência total: “o amor do marido por sua mulher se chama *estima*, o da mulher

por seu marido se chama *reverência*” (DUBY, 1990, p. 58, grifos do autor).

A maior transgressão na reconstrução da biografia de Constança Manuel residirá no fato de que a personagem ficcional não deverá submeter-se de todo aos conselhos morais ou religiosos de seu tempo. Uma vez definitivamente casada com Pedro, é com bastante prazer que passará os primeiros dias da lua-de-mel em Sintra, envolvida pelas novidades dos perfumes, dos orvalhos, dos “vapores que saem da entranha da terra” (NERY, 1998, p. 65). O ambiente sedutor de Sintra despertará em sua memória as palavras da monja mística, cujo significado profundo lhe foi revelado pelos primeiros amplexos de seu esposo: “[...] *nisto está a mais íntima união do amor: comer, saborear, ver interiormente...*” (NERY, 1998, p. 65, grifos da autora).

Constança Manuel é construída parodicamente em relação à imagem que dela ficou. Ela é uma mulher que vibra, que sente pulsar dentro de si vontades, desejos, que vai à capela procurar “a alcamia da carne que se incendiava ao simples pensamento no grande corpo e nos olhos negros de Pedro, que ela via de longe, a jogar a péla com Mecia e Inês” (NERY, 1998, p. 66). Se a justificativa para o amor fora do casamento era a paixão dos amantes, algo impossível de ser partilhado com a esposa casta, não faltará paixão avassaladora de D. Constança para com Pedro: “protegida pela noite, quando os olhos perdem seu poder de refletir, transformava-se numa mulher ousada” (NERY, 1998, p. 66).

No entanto, na ótica do conto, terá sido os excessos de Constança Manuel o motivo da fuga de Pedro para os braços de outra(s) mulher(es). Em contrapartida, a explicação para a atitude do infante está na educação que recebeu quanto ao seu gênero e em relação às mulheres. É escusado lembrar que a masculinidade, assim como a feminilidade, é também uma construção social de gênero, que não deixa de ser uma categoria importante para discussão. Ela é, afinal, um espaço simbólico de sentido estruturante que modela atitudes, comportamentos e emoções a serem seguidos. Aqueles que seguem tais modelos são atestados pela sociedade, da mesma forma que podem ser questionados caso não sigam (OLIVEIRA, 2004). Na ficção, Pedro, amedrontado pelas atitudes de Constança Manuel, lembrara “as palavras de seu bisavô, Afonso, o Sábio: *‘O casamento foi estabelecido para procriar filhos aumentando a linhagem dos homens, e para se evitar o pecado da fornicação’*” (NERY, 1998, p. 66, grifos da autora). A rigorosa educação do infante refletia as questões de gênero que eram imperativas para a sua nobre condição de herdeiro do trono:

Tendo aprendido que uma mulher deve em tudo obediência a seu marido, até nos jogos de amor, Pedro exigia que a esposa recebesse com contenção e humildade sua semente de reis. Sentindo-se preso, depressa ele fugiria do leito conjugal, voltando às suas festas e caçadas e devolvendo Constança às noites solitárias. (NERY, 1998, p. 66)

Mas não é como vítima passiva dos acontecimentos que a Constança Manuel ficcional enfrentará a infidelidade do esposo. Vendo-se afrontada pela amante “favorita” de Pedro, como bem classificou Herberto Helder, a infanta ainda se revelará uma mulher arguta e perspicaz, sabendo se comportar com nobreza diante dos sogros que a muito estimavam: “[...] o infante compreenderá quanto bem vos queremos e que sempre velaremos para que nenhum mal vos aconteça” (NERY, 1998, p. 68); ou mantendo cautela e resignação inteligente, mesmo nos muitos longos períodos em que não recebia Pedro em sua alcova. Procurando sempre conhecer os segredos dos outros pelos sonhos, para melhor compreender o que lhe era inacessível e obscuro, não demorará em adentrar os aposentos de Pedro “com passos de anjo” enquanto ele dormia:

Um corpo nu de mulher volteia nas vagas de nevoeiro que corre por um céu azulino. Os bicos dos seios e os pelos da púbis são azuis, de uma azul-ferrete, quase obscuro, destacam-se no anilado das carnes. Toda ela é cor de silêncio e eternidade, e do fremito do ventre e da respiração soltam-se lampejos azulados de paixão que vão tecendo uma auréola em seu redor. Advinha-se pela ondulação ritmada da névoa um corpo em movimento sobre o seu, que ela recebe, contida e submissa. E eles se fundem numa mancha azul opaca que não se deixa perscrutar pelo espírito de Constança, duvidosa de que seja ela quem está no sonho de Pedro. [...] Um clarão que irrompe daquele acto de amor, deixa Constança vislumbrar um colo alvíssimo em que ela reconheceu, de Inês, o colo de garça. (NERY, 1998, p. 69)

A descrição do sonho de Pedro, além de plasticamente belíssima é altamente sugestiva. É pela imagem onírica que a infanta tem certeza de estar sendo traída por Pedro e por sua aia. Constança revela-se, sobretudo, uma personagem ativa interiormente, qualquer ação externa vai depender de sua intuição, de sua sondagem psíquica em torno das pessoas e dos fatos: “vira durante as suas viagens pelos sonhos que as melhores armas contra alguém são os seus desejos mais profundos e medos mais enraizados” (NERY, 1998, p. 74)

Segundo os fatos históricos, Inês teria sido feita madrinha do segundo filho de Constança e Pedro como estratégia para separar definitivamente os amantes. Em *Constança Manuel*, toda essa ideia foi meticulosamente pensada e articulada por Constança, convencendo do plano, inclusive, o sogro, que tinha como aliado seu contra Inês: “E tendo D. Constança revelado o seu plano e acertado com D. Afonso, padrinho do neto, a data do baptizado foi enfim marcada” (NERY, 1998, p. 75). À luz dos costumes da época, fazendo-a madrinha de seu filho, tornava incestuosas quaisquer relações de caráter amoroso entre seu esposo e Inês.

Esta foi a derradeira cartada de D. Constança para separar os amantes. Pouco tempo depois o pequeno Luís morre, e o plano da infanta vai por água abaixo: “E sendo já morto o afilhado de Inês, Constança não tinha nenhuma defesa em relação aos amores dela com seu esposo” (NERY, 1998, p. 78). Constança ficará grávida ainda do terceiro filho, o infante

Fernando, mas morrerá pouco tempo depois de dar à luz.

Como é possível observar, o conto revela uma biografia distanciada do paradigma histórico de Constança Manuel, ou do pouquíssimo que se sabe em torno dessa infanta. Longe de ser vítima passiva dos acontecimentos, a personagem demonstra ter força de ação, vitalidade e paixão. Discreta nos atos, sua maior ação é interior e subjetiva, por dentro dos sonhos, dos pensamentos, que se transformam em ações. Júlia Nery recria em *Constança Manuel* a imagem de uma esposa vigorosa e cheia de excessos, contrariamente aos modelos femininos esperados para as nobres, e porque não, para as mulheres daquele tempo. Em *Constança Manuel*, é Inês de Castro quem faz às vezes da mulher submissa, contrastando desse modo com a personagem principal. Decorre dessa ótica uma importante inversão dos modelos oficiais.

Há em *Constança Manuel* um sentido transgressor das verdades históricas.

Sabe-se que a intertextualidade é um recurso muito útil ao novo romance histórico, pois é adjuvante nos processos de reconstrução dos fatos e das personagens históricas. Nesse sentido, em Júlia Nery, esse gênero serve-se principalmente da paródia como instrumento capaz de provocar inversões importantes, responsáveis por produzir efeitos de sentido contrários às ideologias dominantes e por agregar um novo sentido às vidas das infantas de Portugal: D. Constança Manuel tornou-se ficcionalmente uma mulher ousada, sedutora, contrariando o modelo de infeliz esposa traída. Como mulher arguta, foi capaz de arquitetar um inteligente plano para separar Pedro e Inês.

Embora a narrativa seja pautada nos registros oficiais da História, a análise empreendida evidenciou notas de ruptura e transgressão, principalmente no que se refere à reconstrução da biografia de Constança Manuel, deixando assim perpassar por entre as linhas da ficção, a crítica sempre insistente em torno das construções sociais de gênero, que procuram limitar desejos, sonhos, atos e destinos. Para esta infanta: uma nova história, que não deixa para traz os fatos históricos que lhes enredaram o destino e a vida. Mas com Júlia Nery, a História de Portugal, a história desta infanta, sem dúvida alguma, torna-se uma história no feminino, fornecendo à literatura de autoria feminina, ao novo romance histórico e aos estudos de gênero, uma importante contribuição.

Referências

- BOOTH, Wayne. *A retórica da ficção*. Trad. Maria Teresa H. Guerreiro. Lisboa: Arcádia, 1980.
- CASSOTTI, Marsilio. *Infantas de Portugal. Rainhas em Espanha*. 5 ed. Lisboa: Esfera dos Livros, 2009.
- CORRADIN, Flavia Maria. *Antônio José da Silva, o Judeu: textos versus (con)textos*. Cotia: Íbis, 1998.

- DUBY, Georges. *Idade Média; idade dos homens: do amor e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- HELDER, Herberto. *Os passos em volta*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005.
- LEITE, Bertha. *A mulher na história de Portugal*. Lisboa: Centro Tipográfico Colonial, 1940.
- MACEDO, Jorge Bastos de; MAGALHÃES, Isabel A. de. et al. Mulheres no mar salgado. *Revista Oceanos*, Lisboa, n.21, 1995.
- NERY, Júlia. *O Cônsul*. Lisboa: D. Quixote, 1991.
- _____. *Infantas de Portugal*. Lisboa: Editorial Notícias, 1998.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: Editora da UFMG/ Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 2004.
- REAL, Miguel. “O romance histórico. Os dias da prosa”. *Jornal de Letras*. Lisboa, 11-24 fev. 2009, p. 25.
- SARAIVA, José Hermano. *História concisa de Portugal*. 17 ed. Mira-Sintra: Europa-America, 1995.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *História de Portugal*. 8 ed. Lisboa: Editorial Verbo, 1996.
- VIEIRA, Maria Cristina da Costa. *O universo feminino n’A esmeralda partida de Fernando Campos*. Algés: Difel, 2002.